

O EROS DECOLONIAL:

uma saída para o fim do mundo do desamor.

Ana Flávia Eccard³³

Resumo

O atual artigo visa estudar o Eros decolonial como saída para o fim do mundo do desamor, compreende-se o fim do mundo o atual momento, que se vive uma transformação nos valores que motivam a geração a se relacionar, e o medo do desamor predomina os compromissos das relações. Trata-se de um foco temático sobre Eros, sobre a sociedade atual das relações que se transformam com a hiper conexão das redes sociais, e o eros como uma prática que é uma nova perspectiva de se relacionar como uma possível solução para a desesperança das relações atuais. O estudo tem como objetivo investigar o eros decolonial trazendo o conceito, a cosmologia e a desconstrução do amor ocidental como solução para relacionamentos saudáveis. A metodologia utilizada é a exploratória com levantamento bibliográfico sobre o tema e a utilização dos descritores como: Eros, amor, decolonial, ancestralidade, sociedade contemporânea em plataformas indexadas nacionais e internacionais. Repositório de teses e dissertações e revistas científicas. Resultados e conclusões: direcionou-se para o eros da floresta que não está embasado para ética da escassez, e sim em uma prática política de amor e intimidade que entende o coletivo.

Palavras-chave: Eros; Amor; Relações afetivas; Decolonial; Sociedade Contemporânea.

THE DECOLONIAL EROS:

an exit to the end of the world of lack of love.

Abstract

The current article aims to study the decolonial Eros as a way out of the end of the world of lack of love, understanding the end of the world the current moment, which is experiencing a transformation in the values that motivate the generation to relate, and the fear of lack of love predominates relationship commitments. It is a thematic focus on Eros, on the current society of relationships that are transformed with the hyper connection of social networks, and eros as a practice that is a new perspective of relating as a possible solution

³³ Pós-Doutoranda na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutora em Direito pelo PPGD/UVA. Doutora em Filosofia pelo PPGFIL/UERJ. Coordenadora do Programa de Mestrado em Direito e Desenvolvimento Sustentável da Unifacvest. É professora universitária Unifacvest e na Universidade Castelo Branco. Membro do grupo de pesquisa Afrosin/UFRRJ.

to the hopelessness of relationships current. The study aims to investigate decolonial eros by bringing the concept, cosmology and deconstruction of western love as a solution for healthy relationships. The methodology used is exploratory with a bibliographical survey on the subject and the use of descriptors such as: Eros, love, decolonial, ancestry, contemporary society in national and international indexed platforms. Repository of theses and dissertations and scientific journals. Results and conclusions: it was directed towards the eros of the forest that is not based on the ethics of scarcity, but on a political practice of love and intimacy that understands the collective.

Keywords: Eros; Love; Affective relationships; Decolonial; Contemporary Society.

LOS EROS DECOLONIALES: una salida al fin del mundo del desamor.

Resumen

El presente artículo tiene como objetivo estudiar el Eros descolonial como una salida al fin del mundo del desamor, entendiendo el fin del mundo en el momento actual, que vive una transformación en los valores que motivan a la generación a relacionarse, y el miedo al desamor predomina en los compromisos relacionales. Se trata de un enfoque temático sobre el Eros, sobre la sociedad actual de relaciones que se transforman con la hiperconexión de las redes sociales, y el eros como práctica que supone una nueva perspectiva del relacionamiento como posible solución a la desesperanza de las relaciones actuales. El estudio tiene como objetivo investigar el eros decolonial trayendo el concepto, la cosmología y la deconstrucción del amor occidental como solución para relaciones saludables. La metodología utilizada es exploratoria con un levantamiento bibliográfico sobre el tema y el uso de descriptores como: Eros, amor, decolonial, ascendencia, sociedad contemporánea en plataformas indexadas nacionales e internacionales. Repositorio de tesis y disertaciones y revistas científicas. Resultados y conclusiones: se dirigió hacia el eros del bosque que no se basa en la ética de la escasez, sino en una prácticapolítica del amor y la intimidad que comprende lo colectivo.

Palabras clave: Éros; Amar; Relaciones afectivas; Decolonial; Sociedad Contemporánea.

INTRODUÇÃO

As relações amorosas sempre foram foco das discussões das mais diversas áreas, as configurações dessas relações são circunstanciais levando em consideração o contexto histórico, político e social. (SCORSOLINI-COMIN & SANTOS, 2012).

Para o atual estudo leva-se em conta as relações afetivas a fim de identificar a cosmovisão da formação desta, entende-se cosmovisão a visão de determinada sociedade para sua organização da situação mais elementar a mais complexa.

Resta claro que não há de se falar de uma cosmovisão única. (SANTOS, 2015). E que a cada momento vivido em determinado território tem-se sua formatação, nesse ponto cabe explicar que entende-se como território não apenas a ocupação geográfica, mas os laços que se criam, tal como pensa Milton Santos, a ideia de território utilizado. (SANTOS, 1999).

Pensar o amor não é tarefa fácil, o que não deve remeter-se a não simplicidade, isto é, ainda que complexo deve ser simples. Tal afeto permeia e assola toda a vivência humana, ora combinado com poder, ora combinado com medo etc. No trabalho em tela não se busca esgotar o assunto, mas sim, pensar uma forma que sustente as relações de forma saudável.

Cabe aqui uma pontuação sobre a questão da forma saudável, não se busca uma formatação de super desempenho, alinhada a matriz neoliberal, conforme nos apresenta Byung Chul Han (2015). A ideia de saudável tem a ver com a sustentabilidade viver em sociedade com uma ética coletiva, portanto, contrária ao individualismo do capitalismo e alinhada a uma vivência da aldeia, do plural.

No tocante ao amor surge questionamento sobre sua natureza, como ele nasce, como ele surge, como ele se mantém. Indaga-se também suas diferenciações conforme o grupo dos indivíduos que os manifesta: família, sobrenatural, amigos, amantes, atualmente até sobre os pets. E não obstante na construção sobre as formas de amar, isto é, as configurações das relações: monogamia, poliamor, relações sem nome etc.

Destarte, o amor deve ser compreendido em uma esfera estética que tem conexão com a ética. No complexo do belo, da admiração, da atração, atravessando pela paixão, pelo desejo e manifestando em éticas das relações. Sendo um retrato do contexto social, político e histórico que se vive. Daí que surge a necessidade de se compreender o momento atual da sociedade para cotejar as faces das relações das manifestações do amor. Haja vista que o amor é manifestado em ação e se dá pelas formas das relações afetivas.

Da atualidade

O amor possui uma conexão direta com o contexto social vivido, sendo expresso nas relações afetivas e nas práticas cotidianas que organizam a sociedade. Nesse sentido, é necessário investigar a natureza das relações na contemporaneidade.

Em termos histórico-filosóficos os gregos já se debruçaram sobre esse assunto, Platão escreve um diálogo que busca esclarecer a natureza e as várias faces do amor que ele chama de Eros. O amor possui algumas definições para os gregos antigos que retomam as significações ocidentais, portanto, retrato específico de determinada sociedade, tal como se entende a sua cosmovisão (VERNANT, 2010).

Em o banquete de Platão o autor apresenta algumas narrativas sobre o amor, o discurso que é definido como o amor filosófico é o que é narrado por Sócrates. Esse amor possui sua tradução no deus Eros que é filho da pobreza e da riqueza o que vai explicar a sua natureza desejante.

Não é a intenção do atual trabalho estudar de forma histórica o amor, o ponto que nos interessa na filosofia platônica é a utilização do amor enquanto Eros e a sua natureza não divina. O amor para os gregos antigos possui inúmeras definições como: *philia*, *Ágape*, *storge* é o próprio eros. (ECCARD, 2014).

Discutir a atualidade exige observar criticamente as práticas sociais e os modos de subjetivação que estruturam as relações humanas. Diversos autores contribuem para essa leitura da realidade contemporânea. Manuel Castells (1999), por exemplo, ao tratar da sociedade em rede, analisa como a tecnologia

reconfigura as formas de interação e comunicação. Já Byung-Chul Han, em obras como *A sociedade do cansaço* e *A sociedade da transparência* (2017), revela as implicações psíquicas e éticas da hiperexposição, do desempenho e da erosão da alteridade. Também é possível mencionar Zygmunt Bauman (2000), com a ideia de amor líquido, que aponta para a fragilidade dos vínculos afetivos, e Gilles Lipovetsky (1983), que analisa a cultura do hiperindividualismo e do narcisismo contemporâneo.

Com o advento das tecnologias, a hiper conexão transformou as formas de relacionamento. Soma-se a isso o uso massivo das redes sociais e a atividade online constante, presente 24 horas por dia. O conceito de hiper conexão, embora ainda sem definição precisa, refere-se ao desejo contínuo de estar conectado às redes. Esse fenômeno não aprofunda os vínculos afetivos, apenas multiplica o número de contatos superficiais. (LEVY, 1996).

Assim, esquadrinha-se a atualidade como um mundo onde as relações se dão no digital, pertinentes a uma cibercultura, tal qual pensa Pierre Levy (1996). O lugar das relações foi transportado do social para as redes, a conexão não é casual, ela é intensa e imediata.

O palco das relações sofre uma modificação da temporalidade, não há um tempo de maturação. Há um imediato, forte, que se valida pela olhada no feed das redes sociais. Há ainda uma alteração no conceito de verdade, onde não há necessária verossimilhança com o ocorrido, e se perfaz pela aparência de real o que é perfeitamente construído em uma sociedade da pós-verdade.

A atualidade que se esquadrinha pelo fim do amor diz que:

Nos últimos tempos tem-se propalado o fim do Amor. Hoje, o amor estaria desaparecendo por causa da infinita liberdade de escolha da multiplicidade das opções e da coerção de otimização no mundo de possibilidades ilimitadas o amor não tem vez (Han, 2017, p.7).

Com a citação supra tem-se o que seria o fim do amor com nexos causal a multiplicidade das opções, isto é, da não limitação das possibilidades. Contudo, o que se põe é o fim da alteridade. A alteridade deve ser compreendida pela diferença, o outro não eu, possui características distintas, contudo, a diferença

não deslegitima sua existência. O outro que não eu, define-se principalmente pela identidade de ser outro.

Han define esse fenômeno como erosão do outro em uma crítica às teorias sociológicas do amor. Cabe compreender que a morte da alteridade se dá pela não consideração do outro enquanto um externo a mim, uma outra subjetividade que possui características diferentes das minhas e a consideração desse outro é uma legitimidade de existência, o que não ocorre na sociedade atual (HAN, 2017).

A sociedade contemporânea, que teve suas relações modificadas graças às transformações das redes, proporciona a ênfase do em si. O fenômeno das redes sociais, a qual o próprio indivíduo faz seu álbum, recortando e publicando apenas aquilo que gostaria que o outro soubesse, analisando sua própria imagem, faz nascer um tipo narcísico.

O ensimesmado é alimentado com likes, aprovações do outro na imagem/vídeo escolhido. O indivíduo projeta sua própria imagem na sua performance de vida que está desenhada no seu padrão de consumo. Há nesse ponto o exercício do regime do eu, não mais cristalizado pela exterioridade do outro, mas endossado e transformado pelo "like" do par, do igual, um inferno dos iguais que se contrapõe diretamente a perspectiva do inferno ser o outro da alteridade sartriana, por ilustração (HAN, 2014).

Observa-se que o outro que cristalizava a imagem do eu para a alteridade clássica a fazia a partir dos dados coletados pela convivência, vivência e atos. O que se produz na atualidade é um juízo imagético, manifesto superficialmente pelas postagens do outro. Que não cristaliza o outro como exterior, mas como desejo de consumo, o que o outro possui, os lugares que ele frequenta, as coisas que possui configurando um culto ao sujeito do desempenho em uma exploração que não é mais realizada pelo outro, mas do próprio, portanto, uma auto exploração (HAN, 2015).

Quando se trata da negatividade do outro no processo de cristalização se trata do outro que não eu, isto é, não há paridade, não há semelhanças, o outro é exterior e até intruso, por isso a atitude de negar. Ocorre que na construção atual há uma positividade, o outro não é construído pelo arcabouço do negativo, mas do par. Há uma espécie de desejo que está entrelaçado ao consumo, o outro

possui ou está em lugares que o eu gostaria de consumir, daí o movimento do like como um endossamento desse par.

A era digital oriunda da revolução tecnológica também conhecida como indústria 5.0 tem como característica a integração entre o capital humano e o tecnológico, de forma a humanizar os recursos tecnológicos. As revoluções tecnológicas apresentaram inúmeros benefícios para a evolução da humanidade, nesse âmbito não há o que se discutir, ocorre que há uma diferenciação vivida na atualidade e ela se constitui na hiper conexão. Haja vista que se a forma de comunicar se modifica as relações também se modificam, e não há profundidade que acompanhe as relações atuais ainda que conectadas em grande parte do dia.

Deste cenário observa-se o medo do desamor, o medo de arriscar ter um relacionamento que irá decair em uma ruptura traumática quando efetivado, se efetivado. Em uma realidade onde as aproximações ocorrem inicialmente por meio virtual, o local que há uma quebra da alteridade e um desejo de consumo que se estende para as performances do humano, a aparência se desloca para um outro lugar.

A aparência em detrimento ao ser é uma antiga discussão da filosofia, muitos são os questionamentos que percorreram a vários filósofos. Nesse sentido, temos uma ordem imagética da cosmogonia que interiorizou os gregos, com ênfase às imagens, aos símbolos e aos corpos. Essa cosmogonia foi contraposta a cosmologia, que traz a escrita, a palavra e a razão para o centro da epistemologia. As discussões dessa cosmologia estão norteadas pelo logocentrismo, pelo registro, pela razão afastando a emoção imagética, o ser e a essência se concentram nas discussões em torno de uma razão que analisa, formata e define.

Na era digital temos um retorno ao imagético, agora em um rolar de feed que é formatado pelo próprio usuário, quebrando uma alteridade e fortalecendo uma paridade, a pessoa escolhe sua melhor imagem, seu melhor vídeo para poder compartilhar, e esse padrão de beleza está associado ao consumo. Retorna-se a ênfase a imagem, a conotação, ao que parece e não ao que há verossimilhança com o que existe na realidade. Mais um registro da fase da pós-verdade que assola o cenário atual.

Entende por pós-verdade o “ adjetivo definido como relatando ou denotando circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes na opinião pública que os apelos emocionais e as crenças pessoais” (OXFORD, 2016).

Vemos que o conceito de pós-verdade é fruto de uma série de acontecimentos localizados na contemporaneidade e está relacionado com uma construção linguística que acabou por criar uma nova expressão, reformulando o sentido da palavra verdade, trata-se de um fenômeno espontâneo da sociedade que teve como origem as novas relações sociais oriundas das eras digitais. O termo cunhado em inglês “post-truth” figura em uma célebre frase atribuída primeiramente a Steve Tesich em 1992 “we live in a post-truth era”, e que foi retomada em 2004 por Ralph Keyes. Ganha popularidade com dois eventos em particular, o Brexit e durante a campanha de Donald Trump à presidência. A partir desses acontecimentos a pós-verdade passa a fazer parte do vocabulário discursivo na política. O ponto de destaque está em observar um deslocamento valorativo da verdade. A modulação da opinião pública se perfaz por um apelo emocional que é desconectado dos fatos objetivos da política. Pode-se dizer que há um esforço para deslocar os fatos para um segundo plano em um cenário político. A pós-verdade se situa em uma disputa imagética da aparência, ou seja, “ algo que aparente ser verdade é mais importante que a própria verdade” (DURIGON, 2021).

A pós-verdade apresenta sua manifestação nos espaços sociais e há, portanto, na atualidade uma agonia de eros que se estabelece na ausência do eros, isto significa a não vontade do outro enquanto diferente. O banquete de Platão apresenta uma perspectiva do eros que é a busca da falta para chegar à completude, há nesse processo uma admiração do outro. (ECCARD, 2014).

A atualidade se perfaz no mito do narciso, o amor próprio do ser do alto desempenho que escolhe o que vai ser publicado, escolhe pelo o que será admirado, se admira nesse processo.

Esta exposição supervaloriza o eu, foca as atividades no ego, se fixa na imagem o que possibilita uma super erotização dos corpos. As redes sociais no processo de escolha do que será postado acaba por criar uma máscara para o eu, uma espécie de maquiagem que acaba construindo um estímulo à própria autoestima. Há uma transformação estética nos processos de existência, o ser humano não cristalizado pelo outro pela diferença, agora constrói um auto culto (HAN, 2017).

Destarte, o agora, isto é, a sociedade contemporânea vive uma agonia na relação com outro expressa pelo medo, pela indisposição, pela indisponibilidade. Antecipam-se na não aceitação pelo medo da frustração e da possível rejeição. O eros se apresenta pela relação com outro que na atualidade é desinteressada.

Do EROS

Eros se apresenta como deus na mitologia grega, representado com asas, como na pintura *L'Amour s'envole* (1873), de William-Adolphe Bouguereau, que o retrata sob a perspectiva do Cupido, um anjo alado que brinca com os assuntos do amor. Já na genealogia socrática, Eros é filho da Pobreza e da Riqueza.

Eros é uma expressão do seu exercício como intermediário, salientando que esta análise só é possível se considerarmos a argumentação socrática que situa a natureza genealógica de Eros como um daímon, filho da riqueza e da pobreza. A exigência filosófica do Eros enquanto mediador entre deuses e homens é a direção para o entendimento da relação de vontade e saber, que modifica o amor e o saber, não se personificando como uma forma de conhecimento, mas uma ascensão erótico-filosófica em direção à sabedoria. (ECCARD, 2012, p. 53).

As designações para o amor grego são muitas, como já tratado, a saber, *eros*, *philia*, *storge*, aqui no presente trabalho decide-se trabalhar com eros por sua natureza genealógica de ser um *daímon*, um intermediário, um elo entre o mundo dos deuses e dos homens. Essa natureza possibilita o eros experimentar e fazer experimentar a completude do amor.

o Eros não é um deus, é um daímon responsável pelo intermédio entre a esfera humana e a esfera divina. O Eros tem o poder de interpretar e transmitir aos deuses o que vem dos homens e este entendimento (do Eros como *metaxy*) será a orientação para o entendimento da filosofia como relação de vontade de saber que motiva os dois termos, vontade e saber e não uma especificidade do saber. Seu caráter demoníaco permite a comunicação entre os mundos, isto é, o papel do daímon erótico é interpretar e transmitir as mensagens dos deuses aos homens e destes aos deuses, possibilitando a completude de ambos (202 e). (ECCARD, 2012, p. 53).

Das cosmologias

Cosmos é uma orientação de ordem que se difere do caos, a falta de ordem. As cosmogonias serviam das histórias míticas, imagéticas, teocráticas, politeístas para uma organização de saber espontâneo que perde o predomínio com as narrativas lógicas que vão buscar a manifestação na *physis* inicial do pensamento logocêntrico.

Assim é possível observar que algumas culturas possuem suas próprias cosmologias que por sua vez orientam os afetos nelas estabelecidos. Diop (1974) apresenta os berços civilizatórios definidos em euroasiáticos de um lado e os povos originários, africanos de outro. Ocorre que essa divisão se manifesta pelos afetos que serão desenvolvidos pelos povos.

Para Hooks (2021) o amor é político e coletivo, dessa maneira o afeto é algo da ordem política que se expressa por uma prática. Quando trata-se de eros decolonial no presente artigo busca-se compreender que o amor é uma forma de transformação da comunidade que vai atravessar o sistema capitalista, das supremacias, do racismo e do patriarcado.

Compreender qual o afeto que se desenvolve em cada cosmologia nos permite inferir os maiores problemas afetivos, as dores do coração, o óbice dos relacionamentos, o desamor e o medo de amar - que aplaca a geração atual.

Antônio Bispo (2015) faz um diagnóstico da atualidade falando de uma autogestão, resta claro na sua leitura que viveu-se em processos de colonialismo que o referido autor chama de potente e articulado que teria usado a política em todas as suas nuances.

Estamos em um momento muito especial. Falamos de cosmologia em vez de falar de teoria ou ideologia. Falamos de território, em vez de falar de fábrica. Falamos de aldeia, quilombo e terreiro, em vez de espaço de trabalho. O mundo trabalho não é mais o mundo do debate, não está mais impondo a pauta, está sendo substituído pelo mundo do saber, pelo mundo do viver. (SANTOS, 2015, p.54)

A citação supra dialoga com a saída pelo Eros por conceber o espaço de coletividade, apresenta-se um fomento ao espaço do viver, da vivência, da prática que deve se afastar das lógicas do capitalismo. A cosmologia que representa esse eros é da *philia*, isto é, a *cosmophilia/cosmofilia*.

Trata-se de uma ordenação do cosmos pelo afeto que o Eros possibilita, faz-se uma analogia à floresta e aos processos de germinação. Não há um início, meio e fim. Não se estabelece algo que comece e termine, mas sim de uma duração, de uma permanência, pois os processos são continuativos, semente que cai no solo, germina, cresce e repete o ciclo (NOGUERA,2022).

Outra ilustração dessa cosmologia são as rodas, diferentes das filas. Enquanto as filas remetem à docilização dos corpos – conceito trabalhado por Foucault em *Vigiar e Punir* (1975), que descreve os mecanismos de controle e disciplina impostos aos sujeitos por instituições modernas como a escola, o quartel ou a prisão – as rodas representam a horizontalidade. A docilização implica a transformação dos corpos em sujeitos obedientes, produtivos e controláveis, por meio da vigilância, da repetição e da organização espacial. Já a circunferência, própria da arquitetura das sociedades estáveis e comunitárias, permite uma participação de todos, onde cada pessoa pode ver e ser vista, rompendo com a lógica hierárquica e centralizadora.

A cosmofobia, outra cosmologia pertencente aos sistemas políticos econômicos capitalistas, trata a segregação como algo natural. Na própria liturgia bíblica há um povo uma promessa, um propósito que deve ser cumprido pela raça eleita, os escolhidos o que representa uma escassez, a alteridade é tratada como algo negativo, pois o outro tende a disputar e não há lugares para todos. A disputa, a concorrência, relaciona nessa cosmologia o medo como afeto que predomina (DAVIDSON,2009).

Nesse cenário a sociedade vive em crise, o medo enquanto afeto se conecta a escassez, o não espaço, a necessidade de estratificação. Há na cosmofobia um terror psicológico impregnado, os que vencem são da ordem dos pares, há uma homogeneização na sociedade manifesta pela figura do patriarcado, do machismo, do monismo.

Essa perspectiva de disputa faz parecer que os mais fortes são os que vencem e conseguem a sobrevivência, e não há outra forma de viver, pois os espaços são poucos. Em termos religiosos, há uma perspectiva intrínseca de redenção do povo para que se alcance a terra prometida, destinada à tribo eleita. Nessa formatação de sociedade, a confiança não é possível: o outro é inimigo, alguém que deseja ocupar o lugar alheio em vez de partilhar. Noguera (2021)

traz a figura do deserto, da escassez e da cosmofobia como marcas de uma sociedade em crise.

O modelo de guerra se manifesta claramente em uma sociedade na qual o afeto predominante é o medo. Em termos de sociedade digital, a hipervigilância — conceito discutido por Byung-Chul Han (2017), que descreve o monitoramento constante e voluntário promovido pelas redes e tecnologias de controle — se intensifica no interior da hiperconexão, ou seja, da exposição contínua e compulsiva às redes digitais. Essa dinâmica alimenta a vigilância mútua entre os sujeitos e reforça o que Han chama de psicopolítica, um regime de dominação que opera diretamente sobre a psique: o interior, as emoções e os desejos dos indivíduos, agora convertidos em dados e performances consumíveis.

Esse regime de controle contínuo, caracterizado pela hipervigilância típica das sociedades digitais — nas quais o sujeito vigia a si e aos outros por meio de dispositivos de exposição e desempenho — opera com base na desconfiança. A vontade é de controlar a outra subjetividade, o que gera uma constante angústia que pode culminar em estados depressivos. É nesse contexto que Byung-Chul Han (2017) propõe o Eros como antídoto à depressão, por sua capacidade de romper o fechamento narcísico e restaurar a abertura ao outro.

O eros decolonial se orienta pela cosmophilia que tem como afeto predominante o amor, a organização da sociedade pelo amor permite quebras e rupturas com essa ética desértica da escassez. No interior dessa cosmologia não há promessa de uma terra eleita, há a vida, o amor se instala na duração da vida.

A sociedade se integra em um círculo, em uma roda de afetividade. Há uma necessidade de envolvimento coletivo que permite o partilhar, dividir e se envolver não aterroriza o outro, e a diferença que o outro contém enriquece a totalidade do grupo.

A cosmophilia não está ausente de conflitos, eles existem, há uma organização das subjetividades, a solução está no partilhar, dividir, compartilhar. O equilíbrio dessa sociedade está em experimentar o mundo, o *elan vital* está no circuito afetivo. Destaca-se, que no interior dessa sociedade há todos os tipos de afeto, não há negação dos afetos nem ausência desses, há predomínios. O processo de territorialização é alinhado ao pertencimento ancestral.

Essa capacidade de compartilhar, partilhar é um exercício que amplia às relações amorosas. Somé (2003) apresenta a tese da intimidade como fundamental para as relações. Há ainda um processo de auto intimidade para a intimidade com o outro em uma dinâmica que se transforma, que nos transforma nas nossas relações entre nós e com o mundo.

A intimidade se relaciona diretamente com a alteridade, o entendimento das nossas capacidades e do outro são conectadas, não há processos de julgamento no interior dessa relação, mas de aceitação das diferenças e das singularidades, receber, perceber o outro e ser recebido, percebido - um afastamento da hostilidade que é característica da cosmofobia que tem sua origem na xenofobia, essa aversão ao que é externo, ao estrangeiro, ao diferente.

A cosmofobia procede em uma lógica da desconexão de um esgarçamento dos vínculos, em um mundo idealizado, que de afasta o verdadeiro eu a vontade de controle arruína a espontaneidade do encontro, a hiper vigilância que fere a confiança nada tem a ver com o eros aqui defendido, o eros é um reconhecer limites, não é da ordem do incondicional, pois esse atributo é impossível quando se trata de seres humanos e humanização.

Do Eros da floresta

Como visto, eros representa o amor. O amor da construção cosmofílica, do amor da intimidade, do amor do partilhar. O eros decolonial é o que se opõe à ética desértica típica das supremacias. O eros decolonial é da floresta por se comportar na temporalidade do florescer, do crescimento, da continuidade. Hook ensina que:

[...] a base de todo amor em nossa vida é a mesma. Não há amor especial reservado exclusivamente para parceiros românticos. O amor verdadeiro é a base de nosso envolvimento com nós mesmos, com a família, com os amigos, com companheiros, com todos que escolhemos amar. Embora necessariamente nos comportemos de forma diferente dependendo da natureza da

relação, ou tenhamos diferentes graus de compromisso, os valores que orientam nosso comportamento, quando baseados numa ética amorosa, são sempre os mesmos para cada interação (HOOKS,2020, p. 167- 168).

As perspectivas que Hooks (2021) traz em “Tudo sobre o amor” são complexas e conectas, trata-se das várias faces da ação amorosa em uma filtragem das relações. Aponta-se para um ato da vontade, de uma deliberação pela vivência do amor. Uma ação de responsabilidade e não um sentimento romântico e inato, há nessa perspectiva um comprometer-se.

Na filtragem fica o amor que não coexiste com abuso, nem as confusões da negligência e do cuidado. Há ainda um incentivo para o amor enquanto ato de coragem. Entre essas reflexões, destaca-se a afirmação de que não é possível existir amor em relações sem justiça e liberdade. Tais ideias ampliam a compreensão do amor para além da esfera íntima, situando-o no campo das estruturas sociais e dos direitos civis básicos.

O tecido social amoroso, segundo hooks (2021), é inicialmente construído no interior da família nuclear, sendo este o primeiro microcosmo das relações de poder e afetividade que mais tarde se reproduzem na sociedade. A forma como o amor é (ou não é) aprendido nesse núcleo influencia diretamente as estruturas sociais. A autora defende que, para que o amor se manifeste verdadeiramente, é preciso haver clareza nas relações: despir-se dos medos e apresentar-se como se realmente é. Como ela mesma afirma, “o coração da justiça é o compromisso com a verdade”, e é a partir dessa verdade que se estabelece o vínculo amoroso dentro da comunidade.

O eros decolonial é fruto de um aprendizado diário que inicialmente é preciso uma auto intimidade para intimidade com outro, primeiro o ser se ama e depois ama os outros, em um processo que não é do ensimesmado. A proposta de olhar para o passado não é irrigada de culpa ou negação, é uma necessidade de auto recuperação para uma produção de subjetividades necessária para vivência do eros.

Quando Hooks trata do cuidado, ela não o nega como manifestação do amor, mas compreende que ele em si não é a totalidade do amor. Reconhecer o carinho, atenção e que a falta desses traz feridas é um caminho para a superação da baixa autoestima. O convite da autora é de olhar para reconhecer no passado,

na infância, as feridas não com a finalidade de sofrer, mas de compreender o que era necessário para se libertar.

O amor se alinha a potência e a criação e é por si um ato político e coletivo. O Amor também participa de uma prática de cura, esse afeto político é manifestado nas práticas culturais e deve ser feito em linguagem simples.

Considerações Finais

Este artigo buscou refletir sobre o amor no contexto contemporâneo, analisando as formas possíveis de vínculo afetivo a partir da concepção do Eros como força relacional. Compreende-se, assim, o Eros decolonial como uma proposta de reinvenção do amor, sobretudo em sua dimensão afetiva e erótica, fundamentada em cosmologias, saberes e práticas que se contrapõem às lógicas ocidentais, coloniais, patriarcais e capitalistas.

Essa concepção crítica parte do entendimento de que as formas como fomos ensinados a amar — marcadas por estruturas hierárquicas, individualismo, posse, normatividade e escassez — refletem um longo processo histórico de colonização dos afetos. O Eros decolonial, portanto, busca romper com essas estruturas e afirmar uma ética do cuidado, da partilha e da alteridade como base para relações mais justas e coletivas.

A proposta do Eros da floresta foi apresentada como uma alternativa simbólica e prática diante de uma geração marcada pelo receio de se comprometer emocionalmente.

É importante destacar que a ideia de relações saudáveis aqui desenvolvida não está alinhada à lógica neoliberal do desempenho, nem à mercantilização da saúde emocional. Trata-se, antes, de pensar os vínculos como espaços de partilha, escuta e construção coletiva. Nesse horizonte, o amor é compreendido como potência criadora e prática política, capaz de afirmar a subjetividade do outro e sustentar relações comprometidas com a justiça, a dignidade e o cuidado mútuo.

REFERÊNCIAS

- BOUGUEREAU, William-Adolphe. *L'Amour s'envole [Pintura]*. 1901. Disponível em: <https://www.artrenewal.org/artworks/lamour-senvole/william-adolphe-bougereau/1086>. Acesso em: 9 jun. 2025.
- BUTLER, Judith . *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução: Renato Aguiar – 10ª ed, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DAVIDSON, Maria del Guadalupe and YANCY, George (eds.) *Critical Perspectives on bell hooks*. New York and London: Routledge, 2009.
- DIOP, Cheikh. *The African Origin of Civilization: Myth or Reality*. Chicago: Lawrence Hill & Co., 1974.
- ECCARD, Ana Flávia Costa. *A natureza não divina de Eros no discurso socrático: uma leitura do Banquete de Platão*. Rio de Janeiro, 2014. Dissertação de Mestrado – Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- HAN, Byung-Chul. *Agonia do Eros*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HAN, Byung Chul. *La agonía de Eros*. Traducción Raúl Gabás Pallás. Herder: Barcelona, 2014.
- HAN, Byung Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.
- HAN, Byung Chul. *Sociedade da transparência*. Tradução de Enio Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HOOKS, Bell. *Ensinando a Transgredir – A educação como prática da liberdade*. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla – 2. Ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- HOOKS, Bell. *Tudo sobre o amor: novelas perspectivas*. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.
- LEVY, Pierre. *O que é o virtual*. São Paulo: Ed. 34, 1996
- LITTLE, Paul E. *Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade*. Série Antropologia. Nº 322. Brasília: DAN/UNB. 2002.

- MACHADO, Vanda. *Pele da Cor da Noite*. Salvador: EDUFBA, 2013.
- NOGUERA, Renato. *Por que amamos: o que os mitos e a filosofia tem a dizer sobre o amor*. Rio de Janeiro: HaperCollins Brasil, 2020.
- NOGUERA, Renato. *Mulheres e deusas: Como as divindades e os mitos femininos formaram a mulher atual*. HarperCollins Brasil, 1ª edição, 2018.
- OYEWUMI, Oyeronke. *Gender epistemologies in Africa. Gendering traditions, space, social institutions, and identities*. Nova York: Palgrave MAcmillan, 2013.
- PETROVICH, Carlos; MACHADO, Vanda. *Irê Ayó: Mitos Afro-brasileiros*. Salvador:EDUFBA, 2004.
- RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. *Alma Africana no Brasil: Os Iorubás*. São Paulo: Editora Oduduwa, 1996.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, Quilombos, Modos e Significações*. Brasília: INCTI/UnB, 2015.
- SANTOS, Milton. *Por Uma Geografia Nova*. São Paulo: Hucitec, 1978.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- SCORSOLINI-COMIN, F., & SANTOS, M. A. (2012). *Correlations between subjective well-being, dyadic adjustment and marital satisfaction in Brazilian married people*. *The Spanish Journal of Psychology*, 15(1), 166-176.
http://doi.org/10.5209/rev_SJOP.2012.v15.n1.37s304
- SOUZA, Elizandra. *Filha do fogo: 12 contos de amor e cura*. São Paulo: JIBAComunicação, Produção e Literatura Negra, 2020.
- SOMÉ, Sobonfu. *O Espírito da Intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos*. SP: Odysseus Editora, 2003.
- VERNANT, J-P. *O universo, os deuses, os homens*. Trad. Rosa Freire Aguiar. São Paulo: Cia das Letras, 2000.